

Uma breve história do I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação (1998): Diálogos, lutas e negociações pela promoção da Educomunicação

Felipe dos Santos Schadt

Introdução

Em 1998, o NCE (Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP) promoveu, com uma parceria com o SESC-SP, o Itaú Cultural e o Colégio Rio Branco, um congresso que discutiria a interrelação entre Comunicação e Educação para além dos muros da Universidade de São Paulo. O *I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação* trouxe ao Brasil 160 especialistas de 30 países¹. Além disso, o Núcleo também realizou o *II Encontro Mundial sobre Educação para os Meios*², que ocorreu entre os dias 18 e 20 de maio daquele

1 SOARES, Ismar de Oliveira. A ECA/USP e a Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. *Comunicação e Educação*, São Paulo, ano XII, n. 2, p. 7-12, mai./ago. 2007

2 SOARES, Ismar de Oliveira. Núcleo de Comunicação e Educação Promove Congresso Internacional. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 11, p. 110-112, jan./abr. 1998

ano. Já o Congresso foi realizado entre os dias 20 a 23 do mesmo mês, ambos na cidade de São Paulo em copatrocínio com o WCME (World Council dor Media Education).

O Congresso teve como objetivo examinar as experiências internacionais no campo do uso das tecnologias da comunicação na educação, tanto para o desenvolvimento da liberdade de expressão quanto para a promoção da cidadania³. O NCE, com isso, pretendia oferecer uma contribuição específica para incentivar e introduzir discussões e reflexões da comunicação no 50º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos.

Para tanto, 40 especialistas foram convocados para organizar workshops de atualização para professores e agentes culturais nos vários campos da inter-relação entre Comunicação e Educação. Além disso, o Congresso programou atividades voltadas para as crianças e adolescentes, com o intuito de “possibilitar às novas gerações a experimentação do fenômeno da comunicação como exercício da leitura crítica dos meios de comunicação”⁴.

A produção desse importante evento para a disseminação da Educomunicação (conceito que despontou como novo paradigma nas Ciências da Comunicação com a pesquisa intitulada *A Inter-relação Comunicação e Educação no âmbito da cultura latino-americana: o perfil dos pesquisadores e especialistas na área*) passou por inúmeros processos de negociação, diálogo e desafios. Um caminho que só evidencia as lutas que o NCE enfrentou - e por que não dizer enfrenta? - para a promoção e sistematização do conceito de Educomunicação para o mundo.

Para muitos, o Congresso Internacional de 1998 foi um enorme sucesso. E de fato foi. O que se desconhece é o percurso que os pesquisadores do Núcleo, liderados pelo professor Ismar de Oliveira Soares, na época, coordenador do NCE e vice presidente do WCME, tiveram que fazer para a realização do even-

3 SOARES, Ismar de Oliveira. Núcleo de Comunicação e Educação Promove Congresso Internacional. Comunicação e Educação, São Paulo, n. 11, p. 110-112, jan./abr. 1998

4 Idem

to que completa 20 anos em 2018. O presente artigo se propõe a contar essa história que, mais do que histórias de bastidores, é um importante relato sobre todo o processo de se promover um evento de porte internacional para se discutir Educomunicação acontecer sob a tutela do NCE.

Além disso, a doutora em ciência da educação, Susie Barreto da Silva, em um artigo publicado pelo site Brasil Escola diz que:

se as pessoas têm conhecimento de suas próprias raízes e conscientemente sabem da relevância das mesmas para suas vidas, passarão a valorizar esse conhecimento transmitindo-o para as gerações futuras, isso evitará que sejam esquecidas ou adormecidas. Dessa forma, a memória do povo continuará sendo “aquecida”.⁵

Outra justificativa que da suporte ao presente artigo são as comemorações de duas décadas do I Congresso que ocorreu em maio de 1998 e que, por conta disso, ganhará uma segunda edição em novembro de 2018, dando ao momento um *timing* ideal para revisitar relatos, documentos e histórias de 20 anos atrás. Mas para contar essa história, precisamos alertar o leitor as escolhas metodológicas que tomamos, afim de uma compreensão mais clara possível dos fatos que se deram quando o Congresso ainda estava sendo pensado pelo NCE.

Metodologia

Nenhum mistério acadêmico para contar essa história, certo? Bastaria ir aos arquivos do NCE, selecionar os documentos referentes ao I Congresso e sistematizar a história encontrada ali. Infelizmente o incêndio que atingiu a Escola de Comunicações e Artes em outubro de 2001

destruiu grande parte do acervo do Núcleo de Pesquisa de Tele-novela, que contava com gravações das primeiras radionovelas, fotos e entrevistas com atores, sinopses originais de novelas e materiais como teses, artigos e outros estudos. Além disso, foram

5 < <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-importancia-das-raizes-culturais-para-identidade-.htm>> Acessado em 04 de setembro de 2017, às 15:13

perdidos documentos internos da escola, como relatórios, orçamentos e planejamentos.⁶

Parte dos documentos internos que foram perdidos estavam na sala do professor Ismar, dentre eles três computadores com todo o material do I Congresso como registro dos participantes e textos referente às palestras, deixando a memória do evento escassa e perdida. Existem, porém, raras excessões como o programa original do I Congresso, um exemplar de uma carta convite que foi enviada pelos correios em forma de mala direta, outra carta convite referente ao *II World Meeting on Media Education*, uma lista com nome e e-mail de 138 expositores estrangeiros que necessitavam de hospedagem, inúmeras listas de presença com assinaturas dos participantes, uma proposta de cota de patrocínio e o projeto de Extensão e Cultura destinado ao Fundo de Cultura e Extensão Universitária da USP. Além disso, algumas fitas K7 das palestras foram recuperadas.

Porém, ainda é, devido a importância do I Congresso, muito pouco para se estabelecer um relato histórico fidedigno. Portanto, além da análise documental, entendemos que o relato dos participantes do processo de produção do evento se torna indispensável para a tarefa proposta pelo presente artigo. Para isso, usamos o aporte das entrevistas presenciais com um dos personagens chave dessa história.

O método utilizado para a coleta dos dados através de relatos será a *História Oral*, que caracteriza as entrevistas e a memória como “fontes para a compreensão do passado”⁷. Para fundamentar as explicações acerca da metodologia escolhida, foram adotadas duas interpretações, sendo elas de Paul Thompson e Maurice Halbwachs.

6 <<http://www2.eca.usp.br/eca50anos/pt-br/content/inc-ndio-no-pr-dio-central-da-eca>> Acessado em 01 de maio de 2018, às 16:37

7 CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. O QUE É HISTÓRIA ORAL. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>> Acesso em: 04 de setembro de 2017, às 18:16

À medida que se desenvolveu, a história oral ganhou espaço em diversos segmentos das ciências humanas, sociais como história, antropologia, sociologia, psicologia e ciências políticas. Essa interdisciplinaridade também é abordada por Thompson, defendendo-a *“como uma forma fundamental de interação humana que transcende essas fronteiras disciplinares”* (THOMPSON, 2002). Ainda em um contexto sociológico, Thompson percebeu um caráter histórico e sociológico simultaneamente nesses trabalhos, pois as entrevistas reuniam aspectos do passado e presente do indivíduo em uma única entrevista. O autor também olha para antropologia no que diz respeito à formação de vidas cotidianas e influências de várias gerações em uma família, realizando as entrevistas gravadas e vivendo a rotina daquele grupo. Ademais, estabeleceu relações entre o trabalho social, adentrando em um viés psicológico e abordando questões como a memória e a terapia da reminiscência que:

[...] Centra-se nas discussões em grupo de experiências de vida compartilhadas, que geralmente são estimuladas por uma combinação de fotografias antigas, música, memórias gravadas dos períodos anteriores dos participantes [...]⁸

A correlação existente entre a Memória e História Oral dá-se a partir da esfera das Tradições Oraís, caracterizadas como *“instâncias da constituição social da memória”*⁹, sendo os depoentes considerados vetores de mitos e tradições ascendentes. Porém, não se deve considerá-las como elemento único, mas associados, pois por intermédio das entrevistas serão analisadas as memórias que o indivíduo e o grupo possuem¹⁰.

Interconexas, a História Oral e Memória são concebidas de modo mais profundo por Maurice Halbwachs, com a inferência da Memória Coletiva que

8 THOMPSON, PAUL. História oral e contemporaneidade. História Oral. Rio de Janeiro, v.5, Jun 2002

9 Idem.

10 MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. Cadernos CERU, v.5, s2, p. 52-60, 1994.

[...] remete ao tratamento de uma identidade coletiva das lembranças e dos ideais guardados por um grupo [...] é algo subjetivo [...] que persiste independentemente de registros escritos, de monumentos ou qualquer outra referência objetiva, material¹¹

Sob o entendimento das *“reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um [...] ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado”*¹², a memória é trabalhada por Halbwachs em uma natureza mais social, pois ele a enxerga como um mecanismo elaborado por grupos sociais os quais determinarão o que foi memorável e os locais onde haverá preservação dessa memória.

Consoante ao pensamento halbwachiano, a memória coletiva deriva da memória individual. O ato de lembrar remete a existência de dois elementos: o acontecimento e o indivíduo, participante do sucedido que conta ou guarda para si o ocorrido. Dessa forma, a memória individual é classificada como a faculdade de armazenar informações. Porém, para que esse acontecimento se transfigure em memória coletiva é necessário um testemunho concordante entre memórias individuais dos membros de determinado grupo para *“reforçar ou enfraquecer, e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação”*¹³. Assim, entende-se por memória coletiva o fator comum entre os testemunhos das lembranças individuais sobre um fato passado, envolvendo coletivamente os sujeitos.

O teórico ainda aborda questões relacionadas à durabilidade dessa memória coletiva, a qual limita-se ao tempo em que esse grupo permaneceu ativo, ou seja, as lembranças serão preservadas a partir do momento que os indivíduos, inseridos, ativos e que se identificam em determinado grupo, criem elos entre

11 Idem.

12 LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012.

13 HALBWACHS Apud LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012.

si¹⁴. Nessa perspectiva, “a vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está inserida em um contexto social preciso.”¹⁵, fazendo-se necessária a volta do sujeito para um tempo remoto a fim de rememorar o ocorrido, bem como a recongnição da conjuntura temporal característica em relação aos acontecimentos coadjuvantes do período a ser relembrado¹⁶.

Considerada a *História Oral* uma metodologia que se utiliza de depoimentos para o entendimento de fenômenos contemporâneos coletados a partir de entrevistas que, nesse contexto, têm a finalidade de constituir uma análise das memórias sobre I Congresso, foi necessário traçar os procedimentos que seriam executados desde a coleta de dados até a análise dos mesmos.

Baseando-se nos procedimentos desse método, a primeira conduta será a seleção de pessoas para constituir a amostragem da pesquisa em andamento e a construção de um roteiro de perguntas. Concluída a etapa de entrevistas, os depoimentos coletados serão transcritos integralmente para, posteriormente, dar continuidade ao processo de análise de dados embasados na obra *Fundamentos da metodologia científica*, cujas autoras são Mariana de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos.

Concluído o processo de transcrição, iniciaremos a análise de todo o material coletado através de entrevistas com agentes que, de alguma maneira, estão (ou estiveram) em contato com o I Congresso.

Tal ordem deve-se ao fato da realização de uma leitura completa daquilo que está transcrito com o propósito da obtenção dos desígnios gerais dos depoimentos e, em seguida, a efetivação de uma leitura com um teor mais crítico que buscou encontrar as principais ideias contidas no produto final.

14 Idem.

15 SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: memória coletiva e experiência*. Psicologia USP, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, jan. 1993.

16 HALBWACHS Apud LEAL, Luana Aparecida Matos. *Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012.

Após a fase inicial da leitura, esperamos tornar possível a interpretação dos dados para efetuar sua decomposição e, conseqüentemente, sua verificação chegando a um conjunto de pensamentos precisos feitos por associação, oposição e semelhança. A partir dessa semelhança entre os depoimentos, será buscada a objetividade, a explicação e a justificativa, elementos essenciais para a validação dos depoimentos, bem como a inserção no contexto da presente pesquisa. Decompostas, as informações serão agrupadas em elementos comuns e em fator de relevância com o propósito da compreensão das memórias que estão presentes nos depoimentos para finalmente concretizar-se uma análise mais crítica do material coletado.

O presente artigo se baseará nos relatos do professor Ismar de Oliveira Soares, que foi o principal organizador do I Congresso além do maior nome do campo da Educomunicação. Esses relatos foram coletados no dia 28 de agosto de 2017, às 10 horas da manhã, no prédio central da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, por meio de uma entrevista que durou uma hora e vinte minutos.

O encontro de La Coruña

Na década de 1990, estudiosos da Europa e das Américas promoveram diversos encontros para tratarem do tema *Media Education* e suas relações com estudos desenvolvidos ao redor do mundo. Em 1995, esse grupo criou o WCME e era liderado pelo pesquisador Argentino residente na Espanha, Roberto Aparici.

Esses encontros aconteciam na Espanha, na cidade de La Coruña, na Galícia, num programa desenvolvido pela cidade chamado Pedagogia da Imagem e, nos anos de 1995 e 1996, o conselho resolveu reunir todos os especialistas de educação midiática do mundo, incluindo os de fala ibero americana, porque os grandes nomes conhecidos na educação midiática, até aquele momento, eram apenas os europeus, norte-americanos e canadenses.

Para representar a América Latina, foram convidados Guillermo Orozco Gomez, do México; Mário Kaplún, da Argentina, mas representando o Uruguai; e Ismar de Oliveira Soares, do Brasil. Soares, inclusive, foi designado a fazer uma home-

nagem à Mário Kaplun e, na ocasião, escreveu um artigo chamado *Manifiesto de la Educación para la Comunicación en los Países en Vías de Desarrollo* que trazia reflexões sobre os trabalhos realizados na esfera da educação para os meios e pretendia Mostrar a importância desse tipo de reflexão para os países em desenvolvimento.

A participação desses pensadores no conselho do WCME se deu graças aos seus trabalhos realizados na América Latina referentes à educação midiática. Orozco Gomez, seguidor de Jesus Martín-Barbero na perspectiva da educação, trabalhava com a questão de recepção e produção audiovisual; Kaplún desenvolvia um trabalho muito consistente no Uruguai com a comunicação popular; e Soares carregava consigo toda uma experiência Latino Americano que ele tinha desde os anos 80 como presidente da UCLAP (União Católica Latino Americana de Prensa), trabalhando com pessoas ligadas ao Rádio e à Televisão da América Latina que eram, por sua vez, vinculadas com a ala mais contestadora da igreja católica que era a teologia da libertação. Além disso, Ismar de Oliveira Soares presidia a UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação), braço nacional da UCLAP.

Falando particularmente do representante brasileiro da WCME, graças a sua participação ativa a frente da UCLAP e da UCBC, Soares circulou por toda a América Latina, criando uma lista de contatos que culminaria, anos mais tarde, na base de dados para a pesquisa fundante da Educomunicação. Tudo isso colaborou para ele ser nomeado vice-presidente da WCME em 1995, tendo como presidente Roberto Aparici.

O cargo recém conquistado por Soares trouxe consigo o desafio de produzir o um encontro do conselho do WCME no Brasil. A ideia era reunir o grupo em São Paulo em 1998, mas as circunstâncias políticas que pairavam pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo fez com que a necessidade de conquistar espaço fosse praticamente vital para as pesquisas referentes a interface comunicação e educação. Um encontro não bastaria. Era necessário algo muito maior.

A resistência docente

A ECA (Escola de Comunicações e Artes) passava por um momento de conturbação nos primeiros anos da década de 1990. O CCA (Departamento de Comunicação e Artes) estava em xeque, pois a direção da ECA estava promovendo uma reforma curricular em 1994 que consistia em eliminar as disciplinas de ciclo básico oferecidas pelo CCA e fazer com que os alunos as buscassem em outras unidades e cursos.

Isso porque, no entendimento do então diretor da ECA, José Marque de Melo, o CCA estava interferindo negativamente na formação dos alunos por entender que as disciplinas oferecidas pelo departamento tinha alto teor ideológico que contrastava com o mercado na época. Havia um temor de que os alunos, ideologizado pelas disciplinas e pelos professores do CCA, teriam dificuldades de enfrentar os problemas que o mercado de trabalho oferecia.

O conceito do mercado passou a ser forte e a reestruturação da ECA caminhou para que cada curso fechasse um currículo próprio e autônomo, eliminando o sentido transdisciplinar, além de fazer alianças com organizações e com o mercado. Então a expectativa foi que cada curso deixasse essa análise crítica da realidade e passasse a trabalhar para o mercado que já estava aberto. Sendo assim, o CCA foi convidado a se esfacelar, recebendo a proposta para que cada professor procurasse o departamento que se sentisse atraído e solicitasse transferência, todos saíam e a diretoria extinguiria o departamento.

Porem o CCA resistiu e apenas cinco professores saíram. Os que ficaram fortaleceram os trabalhos de reflexão e fortalecendo a pós-graduação, principalmente os estudos da interrelação entre Comunicação e Educação. É nesse momento que a discussão sobre uma revista começa a pautar os encontros dos professores resistentes e, no mesmo ano de 1994, surge a revista *Comunicação & Educação*.

Esses professores, já engajados nessa temática, resolvem criar um bacharelado seguido de uma licenciatura em Comunicação e Educação. Após ser ignorado por um parecerista e indicado por outro como sendo um curso de uma “escola do passado”, o curso de graduação esperaria mais de uma década para sair do papel.

Outra recusa, foi da COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) quando os mesmo professores pediram pela abertura de um Grupo Temático (GT) de Comunicação e Educação. Mesmo com um contingente de 40 pesquisadores endossando o pedido, a COMPÓS disse que não se interessaria em criar um novo GT com o argumento de que não havia condições financeiras de dar suporte a mais um grupo.

Essas rejeições acumuladas com a disposição e o engajamento dos professores resistentes do CCA, fazem esses docentes se reunirem para a criação, em 1996, de um núcleo de pesquisa que foi nomeado de Núcleo de Comunicação e Educação, o NCE.

Com um núcleo estabelecido e docentes empolgados em desenvolver trabalhos sobre a interface comunicação e educação, Ismar de Oliveira Soares vê no encontro do WCME uma possibilidade de dar uma resposta a todas as recusas anteriores.

Originalmente, o encontro com o conselho de pesquisadores de *media education* era para ser algo modesto e pontual, mas era politicamente importante que a vinda dos maiores nomes internacionais da comunicação e educação da época fizesse barulho o suficiente para que a academia e a sociedade civil ouvisse e prestasse atenção no que essa interface tinha para contribuir com o mundo.

Além do *II Encontro Mundial de Educação para os Meios*, organizado pelo WCME para as comemorações do 50º aniversário dos Direitos Humanos Universais para os membros do conselho, a ser realizado nos dias 18, 19 e 20 de maio de 1998, Soares usou toda sua influência internacional para convidar um volumoso número de pesquisadores da área em todo o mundo para um congresso que aconteceria na sequência do *II Encontro Mundial de Educação para os Meios*. O NCE organizaria o *I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação* com a participação de 170 pessoas dos cinco continentes durante quatro dias na cidade de São Paulo.

Para um núcleo recém formado que, paralelamente a isso, organizava uma pesquisa que envolvia toda a América Latina, fazer um congresso com essa magnitude se mostrava arriscado. Só que o I Congresso soou como uma resposta

frente às demais áreas do campo da Comunicação e da Educação. Foi uma espécie de declaração de existência.

Um Congresso gigante

O pesquisador hindu Joseph Sagayaraj Devadoss desembarcou em São Paulo à convite de seu professor da UPS (Università Pontificia Salesiana) de Roma, Itália, Roberto Gianattelli, para acompanhar as palestras do I Congresso. Devadoss constataria seis anos mais tarde, em sua tese doutoral, que o I Congresso foi um dos cinco eventos mais importantes ocorridos em todo mundo sobre o tema da *media education* nos anos 1990.¹⁷

O que provavelmente chamou a atenção do pesquisador hindu e de muitas outras pessoas, foi o volume de participantes no congresso. Em números absolutos, foram 170 pessoas de 30 países dos cinco continentes.

Mas esse número não era o esperado para o congresso. Ismar e sua pequena equipe tinham a incumbência de garantir a presença dos nomes que o coordenador do NCE havia convidado após a última reunião do WCME. Essas pessoas eram as que já estariam no Brasil para o encontro do conselho somadas a outro pequeno número de pesquisadores.

Mesmo sem trazer tantas pessoas para o Brasil, o evento demandava muito dinheiro e o orçamento feito pelo NCE¹⁸ foi de R\$ 507.164, sendo que R\$ 260.154,00 seria destinado ao pré-congresso (*II Encontro Mundial de Educação para os Meios*) e o restante, R\$ 247.010,00 para o II Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação.

Para a USP foi solicitado R\$ 48.554,00, cabendo ao setor privado, via patrocínio, o restante do valor para a realização dos dois eventos. Felizmente a Universidade concedeu a verba, mas a saída de um dos patrocinadores quase comprometeu o I Congresso.

17 SOARES, Ismar. A Educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. In APARICI, Roberto. Educomunicação para além do 2.0. São Paulo: Paulinas. 2014, p.15

18 Dados obtidos através de projeto enviado para o Fundo de Cultura e Extensão Universitária da ECA. Este documento faz parte do acervo do NCE.

Um dos maiores patrocínios era proveniente da Petrobras. Com aproximadamente um valor disponibilizado de R\$ 200.000,00, a estatal brasileira garantia até então as passagens aéreas dos participantes estrangeiros no evento. Porém, no início de 1995, a moeda brasileira sofria uma desvalorização que chegaria à 40% em 1998, fazendo com que, em dezembro de 1996, a Petrobras se retirasse do grupo de patrocinadores e deixando um buraco gigantesco no orçamento do I Congresso.

Como o pré-congresso já estava garantido por outro parceiro, o Itaú Cultural, que garantiu passagem para os membros do conselho, hospedagem e o local que se realizaria o *II Encontro Mundial de Educação para os Meios*, as energias foram voltadas para resolver a possível falta de pessoas no congresso.

Ismar de Oliveira Soares resolveu enviar um comunicado aos participantes que teriam a passagem garantida caso a Petrobras não se retirasse, dizendo que a organização do evento não conseguiria mais arcar com as despesas das passagens. Ainda no comunicado, Soares, após articular junto ao SESC, disse que a instituição garantiria a hospedagem para aqueles que viessem por conta própria. Já que não havia orçamento e, portanto, não havia mais limites de passagens, Ismar resolveu estender seu convite para mais pessoas recebendo a confirmação de 170 participantes.

O I Congresso ainda terminaria no vermelho, com um déficit de R\$ 40.000,00 que seria quitado graças a *Jornada de Julho*, um evento que reuniu cerca de 20 membros do WCME que se disponibilizaram para realizar palestras para um público pagante de mais de 300 pessoas que se reuniram nas dependências do Colégio Rio Branco, que também deu apoio ao congresso.

Entre os dias 18 à 24 de maio de 1998, centenas de pessoas, entre público e pesquisadores, circularam por São Paulo para na parte da manhã se encontrarem no SESC Pompéia e, na parte da tarde, se dividiam para o Itaú Cultural, Colégio Rio Branco e o próprio SESC.

Foram dias (três de pré-congresso e cinco de congresso) muito agitados para quem participou direta ou indiretamente do evento. As mentes mais brilhantes da área de *Media Education* circulando por São Paulo para dividirem suas experiências e pesquisas inaugurando novas ideias a respeito da interrelação Co-

municação e Educação. E para os pesquisadores do NCE, mais ainda. O evento cresceu e esse crescimento foi importante para projetar o Núcleo e os resultados da pesquisa que estava ainda em processo e que iria mostrar para o mundo a Educomunicação feita na América Latina.

O I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação promoveu três mesas redondas, dez workshops e 32 grupos temáticos, além de encontros livres e mostras culturais. Nomes como o do pesquisador norte americano David Hoffman, Andrew Hart, Geneviève Jacquinet, Maria Tereza Quiroz, William Thorn entre outros, fizeram importantes participações, todas elas traduzidas simultaneamente para os demais convidados, que contribuíram para os debates no evento.

Não é atoa que o I Congresso Internacional foi classificado por Joseph S. Devadoss como um dos cinco mais importantes do mundo na área de Comunicação e Educação. A grandeza dos números e a importância das reflexões revelam isso. Mas se o congresso foi o que foi, isso se deve aos diálogos, lutas e negociações que precisaram ser feitas para colocar o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação na história.

Referências

HALBWACHS Apud LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. Cadernos CERU, v.5, s2, p. 52-60, 1994.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. Psicologia USP, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, jan. 1993.

SOARES, Ismar de Oliveira. Núcleo de Comunicação e Educação Promove Congresso Internacional. Comunicação e Educação, São Paulo, n. 11, p. 110-112, jan./abr. 1998.

_____ A ECA/USP e a Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. Comunicação e Educação, São Paulo, ano XII, n. 2, p. 7-12, mai./ago. 2007.

_____ A Educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. In APARICI, Roberto. Educomunicação para além do 2.0. São Paulo: Paulinas. 2014, p.15.

THOMPSON, PAUL. História oral e contemporaneidade. História Oral. Rio de Janeiro, v.5, Jun 2002.

Sobre o autor

Felipe dos Santos Schadt - Possui graduação em Jornalismo pela Faculdade Campo Limpo Paulista - FACCAMP (2011). Especialista em História, sociedade e cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2013) e especialista em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA-USP (2015). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. É responsável pelo jornal-laboratório do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Campo Limpo Paulista (Unifaccamp), O Jornaleiro. Trabalhou como educador voluntário na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen, com o jornal escolar Legado Jovem no ano de 2014. Desde 2012, faz parte do corpo docente do curso de Comunicação Social Unifaccamp e atualmente é colaborador voluntário do NCE da ECA-USP, aluno do PPGCOM (mestrado) em Ciências da Comunicação da ECA-USP sob orientação do professor Ismar de Oliveira Soares e cursa Especialização em Filosofia pela USCS.